**A ARTE DE TORNAR-SE UM ESCRITOR EM TRÊS DIAS[[1]](#footnote-1)**

Por Ludwig Borne (1823)

“Existem pessoas e livros que se vangloriam de ensinar a língua latina, grega, francesa, em três dias, e mesmo a contabilidade em três horas. Mas o meio de tornar-se um bom escritor original em três dias ainda não foi mostrado. Entretanto, é tão fácil! Não há nada a aprender, apenas muito a desaprender, nada a saber, mas muitas coisas a esquecer.

O mundo é feito de tal modo que as cabeças dos eruditos, assim como suas obras, assemelham-se aos velhos manuscritos dos quais é preciso primeiramente remover as insípidas tagarelices de um pseudopai da igreja ou os rabiscos de um monge, para chegar a um romance clássico.

A cada espírito humano pertencem belos pensamentos, e o mundo sendo recriado com cada homem, disto decorrem também novas criações; infelizmente, a vida e a instrução os sobrecarregam de coisas inúteis.

É possível ter uma visão bastante exata deste estado de coisas se refletirmos sobre o que segue. Nós reconhecemos em sua verdadeira forma um animal, uma fruta, uma flor; eles nos aparecem tais como são. Mas aquele que conheceu apenas o patê da perdiz, o suco de framboesa e a essência da rosa, terá ele uma ideia exata do que pode ser uma perdiz, um pé de framboesa e uma rosa?

O mesmo acontece com a ciência, com todas as coisas que nós concebemos com nosso espirito e não com nosso sentido. Elas nos são apresentadas completamente prontas e transformadas, e nós não aprendemos a conhecê-las em sua forma bruta e despojada. A opinião é a cozinha onde todas as verdades são abatidas, depenadas, esquartejadas e temperadas.

Nada é mais defeituoso que um livro sem razão, como alguns que contêm coisas e são desprovidos de opiniões. Existe apenas um pequeno número de escritores originais, e os melhores se distinguem menos ainda pelo fato de que procuramos fazer uma comparação superficial. Um rasteja, outro caminha, um manca, um outro dança, um outro conduz, um outro ainda cavalga em direção ao seu objetivo. Mas o objetivo e o caminho são comuns a todos. É apenas na solidão que grandes ideias novas nos vêm; mas como conseguir chegar a essa solidão? Pode-se fugir dos homens, e encontrarmo-nos colocados no mercado barulhento dos livros; pode-se abandonar os livros, mas como distanciar de sua cabeça os conhecimentos tradicionais que decorrem da instrução? Na arte de tornar-se um ignorante, o verdadeiro procedimento, o mais útil e o mais perfeito é aquele de uma autoeducação, mas ele é exercido o mais raramente e do modo mais desajeitado. Assim como, entre um milhão de homens, não há mais do que mil pensadores, entre mil pensadores não há mais de um autopensador. Um povo se parece agora com um pirão cozido do qual a marmita está na origem da unidade. É apenas no crisol da mais baixa camada do povo que algo de firme e sólido pode ser encontrado, e o pirão continua sendo pirão, e a colher de ouro que dele extraiu uma bocada, nem por isso rompeu os parentescos, mesmo se ela separou os parentes.

A verdadeira ambição cientifica não é uma viagem de descoberta colombiana, mas uma viagem de Ulysses. O homem nasce em um país estrangeiro. Viver significa procurar o país natal, e pensar significa viver. Mas a pátria dos pensamentos é o coração; é nesta fonte que deve ir buscar algo aquele que quer beber fresco. O espírito é apenas a corrente, os batizados ali são estabelecidos e perturbam a água pela lavagem, o banho e o curtimento do linho e outras manipulações poluentes. O espírito é o braço, o coração é a vontade; pode-se criar a força, pode-se intensificá-la e aperfeiçoá-la; mas para que serve toda esta força sem a coragem de utilizá-la? Uma vergonhosa covardia nos impede a todos de pensar. Existe uma censura bem mais opressora do que aquela dos governos; é aquela da opinião pública, que se exerce sobre nossas produções intelectuais. Não é espirito, mas caráter o que falta na maior parte dos escritores para serem melhor do que são. Esta fraqueza provém da vaidade. O artista, o escritor, deseja dominar e ultrapassar seus colegas; mas para dominar alguém, é preciso se colocar a seu lado, e para ultrapassar um outro, é preciso percorrer o mesmo caminho que ele. É por isso que os bons e os maus escritores têm tanta coisa em comum. O mau escritor encontra-se por inteiro no bom; este último possui alguma coisa a mais. O bom vai pelo mesmo caminho do mau, ele apenas vai um pouco longe.

Quem escuta a voz de seu coração em lugar dos barulhos do mercado, e tem a coragem de propagar o que lhe ensina seu coração, este será sempre original. A sinceridade está na fonte de todo gênio, e os homens seriam mais inteligentes se eles fossem mais morais.

E aqui está a receita prometida:

Pegue algumas folhas de papel e escreva durante três dias consecutivos, sem falsificação nem hipocrisia, tudo o que lhe vier à cabeça. Escreva tudo o que você pensa de você mesmo, de suas mulheres, da guerra dos Turcos, de Goethe, do processo criminal de Fonk, do último julgamento de seus superiores, e decorridos os três dias, você estará extasiado, maravilhado com as novas ideias inusitadas que você terá tido.

Eis a arte de tornar-se um escritor em três dias!”.

1. Traduzido do alemão para o francês por Liliane Hirsh-Fourton e E. Porge, in Littoral, 2, 1981, pp.157-159, e do francês para o português por Maria Rosane Perereira, agosto de 1996. [↑](#footnote-ref-1)